

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

Education Modalities: a dialogue with Maria da Glória Gohn, from the perspective of Informal Education

Lúcio Enrico Vieira Attia¹

Universidade Federal de Pernambuco - UFPE

RESUMO

Desde a década de 90 a pesquisadora Maria da Glória Gohn tem se dedicado a desenvolver estudos sobre a Educação, que sistematiza em três modalidades: *Educação Formal*, *Não-Formal* e *Informal*, centralizando seus esforços, sobretudo, no âmbito da *Educação Não-Formal*. Na pesquisa que desenvolvo no doutorado, busco construir um conceito/metodologia, que tenho provisoriamente denominado como Pedagogia da Festa, para poder pensar as *festas populares*, no âmbito da *Educação Informal*, como um campo de estudos da Educação. Assim, pergunta-se neste texto: os elementos constitutivos da categorização elaborada pela autora seriam adequados para sistematizar o conhecimento produzindo pelas celebrações brasileiras, a partir da *Educação Informal*? Neste sentido, a escrita deste artigo tem como objetivo desenvolver uma reflexão, acerca das modalidades de educação - desde a perspectiva da *Educação Informal*, dialogando com a produção da principal estudiosa brasileira sobre o tema. O documento foi elaborado tendo como metodologia a análise da produção bibliográfica da pesquisadora em ordem cronológica da publicação de seus textos nas últimas duas décadas. Parte do mais antigo ao mais recente, com o intuito de poder vislumbrar, além de sua delimitação das modalidades educativas, o processo de elaboração e aprofundamento de sua construção ao longo do tempo. Como resultados, a proposta apresentada, ao iniciar sua reflexão de outro ponto de vista, mesmo que ainda em seus contatos iniciais, sugere o deslocamento de algumas proposições da autora, ao mesmo tempo em que vivencia o deslocamento da concepção de seu próprio argumento, em busca de uma maior correlação [e compreensão] entre as modalidades de educação, sobretudo a *Educação Informal* e as *festas populares*.

Palavras-chave: Modalidades da Educação; Maria da Glória Gohn; *Educação Informal*; Festas Populares; Encontro de Bois de Olinda.

ABSTRACT

Since the 1990s, researcher Maria da Glória Gohn has been dedicated to developing studies on Education, which she systematizes into three modalities: Formal, Non-Formal and Informal Education, focusing her efforts, above all, on Non-Formal Education. In the research that I develop in the doctorate, I seek to build a concept/methodology, which I have provisionally called Pedagogy of the Party, in order to think about popular festivals, in the context of Informal Education, as a field of education studies. Thus, the question in this text is: would the constitutive elements of the categorization elaborated by the author be adequate to systematize knowledge based on Informal Education? In this sense, the writing of this article aims to develop a reflection on the modalities of education - from the perspective of Informal Education, dialoguing with the production of the main Brazilian scholar on the subject. The document was prepared using as a methodology the analysis of the researcher's bibliographic production in chronological order of the publication of her texts in the last two decades. It starts from the oldest to the most recent, in order to be able to glimpse, in addition to its

¹ Doutorando em Educação no Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco - UFPE. Técnico em Assuntos Educacionais na Pró-reitoria de Extensão e Cultura da UFPE. Recife. Pernambuco. Brasil. ORCID iD: <https://orcid.org/0000-0001-6114-9579> Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7830868050990366>. E-mail: lucioenrico@hotmail.com.

delimitation of educational modalities, the process of elaboration and deepening of its production over time. As a result, the proposal presented, when starting its reflection from another point of view, even if still in its initial contacts, suggests the displacement of some of the author's propositions, at the same time that it experiences the displacement of the conception of its own argument, in search for a greater correlation [and understanding] between the modalities of education, especially Informal Education and popular festivals..

Keywords: Education Modalities; Maria da Gloria Gohn; Informal Education; Popular parties; Olinda Oxen Meeting.

RESUMEN

Desde la década de 1990, la investigadora Maria da Glória Gohn se dedica a desarrollar estudios sobre Educación, que sistematiza en tres modalidades: Educación Formal, No Formal e Informal, centrando sus esfuerzos, sobre todo, en la Educación No Formal. En la investigación que desarrollo en el doctorado busco construir un concepto/metodología, que provisionalmente he denominado Pedagogía de la Fiesta, para pensar las fiestas populares, en el contexto de la Educación Informal, como campo de estudios de la educación. . Así, la pregunta en este texto es: ¿los elementos constitutivos de la categorización elaborada por el autor serían adecuados para sistematizar saberes a partir de la Educación Informal? En ese sentido, la redacción de este artículo tiene como objetivo desarrollar una reflexión sobre las modalidades de educación - en la perspectiva de la Educación Informal, dialogando con la producción de los principales estudiosos brasileños sobre el tema. El documento fue elaborado utilizando como metodología el análisis de la producción bibliográfica de la investigadora en orden cronológico de publicación de sus textos en las últimas dos décadas. Se parte de lo más antiguo a lo más reciente, para poder vislumbrar, además de su delimitación de modalidades educativas, el proceso de elaboración y profundización de su producción a lo largo del tiempo. En consecuencia, la propuesta presentada, al iniciar su reflexión desde otro punto de vista, aunque aún en sus contactos iniciales, sugiere el desplazamiento de algunas de las proposiciones del autor, al mismo tiempo que experimenta el desplazamiento de la concepción de su argumento propio, en busca de una mayor correlación [y entendimiento] entre las modalidades de educación, especialmente la Educación Informal y las fiestas populares.

Palabras clave: Modalidades de Educación; María da Gloria Gohn; Educación informal; Fiestas populares; Encuentro de Bueyes de Olinda.

INTRODUÇÃO

Em artigo anterior, intitulado “E a festa, aonde está na educação? Uma reflexão sobre as modalidades de educação e o enquadramento produzido nas festas populares”, busquei demonstrar como os enunciados discursivos acerca das modalidades educativas acabam por operar um certo olhar para as festas populares². Os dados coletados nesta etapa exploratória da pesquisa demonstraram que 1) tratar de Educação no Brasil, ainda nos dias de hoje, para a produção do conhecimento acadêmico, é praticamente sinônimo de abordar processos pedagógicos realizados dentro do espaço escolar. Embora há muito já se saiba que a prática educacional não ocorre exclusivamente em instituições educativas (BRANDÃO, 1981; LIBÂNEO, 2010), percebe-se que a centralidade das pesquisas infelizmente permanece vinculada, quase que exclusivamente, à *Educação Formal*, representação dominante no campo. E se no âmbito da *Educação Não-Formal*, existem poucas produções, como nos informa Maria da Glória Gohn em seus diferentes textos, conforme argumento que será desenvolvido nos próximos parágrafos, parece-me, também que 2) de acordo com o levantamento realizado, a universidade, praticamente não tem centrado esforços

² A produção foi apresentada no âmbito do IX Encontro de Pesquisa em Educação do Programa de Pós-Graduação em Educação, do Centro de Ciências da Educação, da Universidade Federal do Piauí, no GT 12 - “Educação, História e Artes”, em 2022. Edição no prelo.

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

no aprofundamento do debate sobre os processos educativos da *Educação Informal*. E mais ainda: 3) se dentro desta modalidade de educação, afinarmos a busca, e lançarmos nosso olhar para a dimensão das *festas populares*, percebe-se que o assunto historicamente tem sido posto à margem das produções científicas. O mapeamento realizado sinaliza igualmente que, 4) quando as *festas populares* são abordadas pela Educação, o enquadramento discursivo do campo acaba por considerá-las somente dentro das instituições de ensino [reiterando a primeira constatação], e assim, acaba por produzir efeitos pedagógicos, transformando as celebrações em recursos didáticos, que, utilizados de maneira instrumentalizada, desconsideram seu potencial educativo próprio, enquanto prática cultural, inserida na dinâmica social da vida, em sua dimensão adaptativa e criativa.

Resumindo o levantamento feito até aqui em uma única sentença, na etapa em que se encontra a pesquisa, parece ser possível afirmar que de maneira geral, tratar de Educação, na reflexão acadêmica, é tratar de processos formativos realizados em espaços escolares - como se a educação ocorresse somente nestes espaços; e que as *festas populares*, quando entram nestas instituições de ensino, são instrumentalizadas como recursos didáticos; percebidas como um meio para alcançar algum objetivo pedagógico - como se no âmbito das destas celebrações não houvesse processos de ensino-aprendizagem vinculados à sua própria realização.

Tentando localizar melhor você que agora lê este texto, sobre de onde parte a perspectiva de minha argumentação, de maneira breve, no que cabe nesta escrita, bastaria dizer que, na pesquisa que desenvolvo no doutorado, tenho como horizonte contribuir com a ampliação do debate acerca das relações entre a Cultura e a Educação. A investigação em curso compreende um esforço reflexivo que tem como objetivo compreender as *festas populares*, como um objeto de estudo da

Educação, no âmbito da *Educação Informal*, a partir do *Encontro de Bois de Olinda*³, tendo como referencial teórico-analítico o Paradigma da Dádiva⁴, proposto por Marcel Mauss⁵.

Neste artigo, ao articular a Cultura com a Educação, em seu sentido mais amplo, interessa-me refletir como é delineada a produção do conhecimento sobre a *Educação Informal*, tendo como base as produções de Maria da Glória Gohn. E, a partir de suas categorias de análise, iniciar o debate sobre a representação construída acerca das diferentes modalidades de educação para refletir sobre os desdobramentos que este enquadramento pode produzir especificamente no que diz respeito às *festas populares*. Conforme os levantamentos realizados, a autora tem sido, ao longo do tempo, no Brasil, a principal pesquisadora a desenvolver estudos sobre as Modalidades de Educação, dispondo-a em três modalidades: *Educação Formal*, *Educação-Não Formal* e *Educação Informal*. Referência na área, Maria da Glória Gohn é citada em todas as pesquisas coletadas na revisão bibliográfica realizada, em busca de encontrar produções, no nível de doutoramento, específicas de programas de pós-graduação em Educação, acerca do tema Modalidades de Educação⁶.

³ O *Encontro de Bois de Olinda* foi o objeto de estudo da minha pesquisa de mestrado. Para saber mais acesse: ATTIA, Lúcio Enrico Vieira. *Encontro de Bois de Olinda "a festa na Quarta de Cinzas é na casa de Dona Dá!" Ponto de convergência para múltiplas "culturas viajantes"*. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, UFF. Rio de Janeiro, 2015. Disponível em:

https://www.academia.edu/42913913/ENCONTRO_DE_BOIS_DE_OLINDA_A_FESTA_DA_QUARTA_DE_CINZAS_%C3%89_NA_CASA_DA_DONA_D%C3%81_Ponto_de_converg%C3%Aancia_para_m%C3%BAltiplas_culturas_viajantes Acesso em 17 mar 2022.

⁴ Ensaio sobre a Dádiva: *forma e razão da troca nas sociedades arcaicas* [no original *Ensaio sobre o dom*], escrito por Marcel Mauss, publicado em 1924, tem 131 páginas e 527 notas. É um dos textos mais conhecidos do autor, e pode ser considerado um texto seminal. A partir dele, foram lançadas as bases para uma terceira via de compreensão das sociedades que vão para além do utilitarismo e do comunitarismo. No texto, o autor afirma que seu objeto de investigação serão as trocas e os contratos que muitas civilizações fazem por meio de presentes; presentes estes que tem um caráter voluntário e aparentemente livre e gratuito, e ao mesmo tempo também obrigatório e interessado nessas prestações. O problema proposto no *Ensaio sobre a Dádiva* diz respeito à reflexão sobre a regra de direito e de interesse que faz com que o presente recebido seja obrigatoriamente retribuído. Mauss pergunta-se: que força é esta que existe na coisa dada que faz com que o donatário a retribua? Em síntese, em sua argumentação, Mauss parte do conceito de prestação total para nos apresentar a força [*mana*] que faz com que o presente dado seja retribuído [por meio da tríplice operação dar-receber-retribuir], a fim de nos mostrar como os laços sociais são construídos. Na conclusão do texto, o autor afirma que esta metodologia/sistema de direito contratual e de prestações econômicas permanece viva em nossas culturas, sendo mesmo uma rocha fundamental da vida humana. Atualmente o M.A.U.S.S. [Movimento Antiutilitarista nas Ciências Sociais] dá prosseguimento ao discurso fundador de Marcel Mauss.

⁵ Marcel Mauss, foi antropólogo, sociólogo e etnólogo. Alguns de seus aclamados trabalhos foram reunidos no livro *Sociologia e Antropologia*, de 1960, que inclui as obras: *Esboço de uma teoria geral da magia*, de 1902; *Ensaio sobre a Dádiva*, de 1924; *Relações reais e práticas entre a Sociologia e a Psicologia*, também de 1924; *Efeito físico no indivíduo da ideia de morte sugerida pela coletividade*, de 1926; *Uma categoria do espírito humano: a noção de pessoa, a de 'eu'*, de 1938; *As técnicas do corpo*, de 1934; e *Morfologia social*, de 1906.

⁶ O levantamento foi realizado junto ao *Catálogo de Teses e Dissertações da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior* [Capes], no *Banco de Teses do PPGEdu* da Universidade, e ainda no *Atena - Repositório Digital da UFPE*. Como metodologia foi utilizada também a palavra chave "educação" combinadas à expressão *booleana* "e", com as palavras "educação informal", "festa", "bois" e "encontro de bois", a fim de buscar pesquisas que contivessem obrigatoriamente a presença das duas palavras em questão. O resultado deste levantamento foi apresentado no artigo mencionado anteriormente.

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

Neste artigo, por meio de revisão bibliográfica não exaustiva da produção da pesquisadora, acerca das modalidades da educação, busca-se responder a pergunta: os elementos constitutivos da categorização elaborada pela autora seriam adequados para sistematizar o conhecimento produzindo pelas celebrações brasileiras, a partir da *Educação Informal*?

Trata-se, esta empreitada, da construção de uma peça que comporá pesquisa realizada no *Programa de Pós Graduação em Educação da Universidade Federal de Pernambuco* [PPGEdu], pertencente à linha *Identities e Memórias*.

Maria da Glória Gohn e sua argumentação acerca das Modalidades da Educação

Maria da Glória Gohn graduou-se em Sociologia, pela Fundação Escola de Sociologia e Política de São Paulo, em 1970. Realizou mestrado também em Sociologia, pela Universidade de São Paulo - USP, no ano de 1979. Obteve o título de doutora em Ciência Política, também pela USP, em 1983, e realizou o pós-doutorado pela *New School University*, em Nova Iorque em 1997. Atualmente é professora titular aposentada da Faculdade de Educação da Universidade Estadual de Campinas - UNICAMP, e Professora Visitante Sênior, da Universidade Federal do ABC - UFABC. A autora tem experiência na área de Sociologia, Educação e Políticas Sociais, e atuação voltada para os seguintes temas: movimentos sociais, participação social, *Educação Não-formal*, associativismo e cidadania. De acordo com seu currículo lattes⁷, publicou 22 livros; destes, 19 são de autoria individual, e outros 3 organizados em coletâneas. Desde a década de 1990 coordena o GEMDEC - Grupo de Estudos, Movimentos Sociais, Demandas Educativas e Cidadania, onde atualmente desenvolve o projeto de pesquisa: *A Educação Não-Formal e as ONGs em São Paulo*.

De maneira breve, como uma primeira aproximação de sua argumentação, pode-se dizer que, na concepção da autora, a *Educação Formal* é aquela realizada no espaço escolar; que a *Educação Não-Formal* ocorre em espaços educativos onde há intencionalidade pedagógica [sendo este o foco de suas reflexões], como ONGs e Associações Comunitárias, por exemplo; e que a *Educação Informal* seria aquela apreendida sem intencionalidade, dizendo respeito ao local de nascimento da pessoa, às experiências familiares, territoriais, religiosas, de classe social etc.

Embora este artigo centre o debate acerca da produção da pesquisadora, há que se ressaltar, que na literatura encontrada durante o levantamento preliminar das teses de doutorado, realizadas no campo da Educação, percebeu-se que as autorias utilizam de maneira diferenciada entre si a

⁷ Disponível em: <http://lattes.cnpq.br/8315862641929394> Acesso em 07 ago 2022

tipologia *Educação Não-Formal* e *Educação Informal*.

Avancemos um pouco mais na argumentação de Maria da Glória Gohn.

Refletindo sobre a argumentação da autora à partir da Educação Informal

No artigo *A Educação Não-formal e a relação escola-comunidade*, de 2004, Maria da Glória Gohn aborda os efeitos da interação da educação com a sociedade destacando dois aspectos: 1) a importância das escolas interagirem com a comunidade organizada de seu entorno e 2) que as ações realizadas pelas organizações, associações, ONGs, movimentos sociais - entendidas como pertencentes ao campo da *Educação Não-Formal* - se relacionam com a comunidade educativa, sendo esta compreendida de maneira ampliada. A hipótese da autora neste texto é de que a articulação entre os campos destas duas modalidades [*Educação Formal* e *Educação Não-Formal*], por meio da participação ativa de pessoas exercendo seu direito de cidadania, seria um dos principais caminhos para gerar um novo modelo civilizatório centrado na pessoa humana e não no Mercado. A pesquisadora afirma que, ao ocupar ambos os espaços formativos, a pessoa discente gera aprendizado político experimentando formas de participação social que se desdobrarão em uma nova cultura política.

Embora a autora não se detenha na escrita deste primeiro texto analisado sobre a *Educação Informal* especificamente, naquilo que cabe aos objetivos deste artigo, interessa aqui especialmente refletir sobre sua primeira parte, onde ela faz uma delimitação teórico-conceitual, e destaca seus conceitos-chave.

Um primeiro conceito que acredito pode colaborar com a pesquisa em curso é o de *comunidade educativa* que é utilizado como elemento discursivo para designar todo o grupo de pessoas que participa do processo educacional - seja ele realizado dentro ou fora das unidades escolares (Gohn, 2004).

Na concepção da autora, que concordo, é importante perceber a importância das diversas experiências realizadas junto aos diferentes atores no processo formativo da pessoa educanda. Nesta perspectiva, com este conceito ampliado de educação, de maneira prática, passa-se a valorizar as situações vividas no cotidiano, para além dos muros da escola; ou seja: compreende-se que a educação não se restringe exclusivamente aos processos de ensino-aprendizagem realizados no interior de unidades escolares formais. Desta forma, esta mudança de perspectiva amplia tanto o local de realização da atividade pedagógica [escola], como também as pessoas responsáveis pelo processo educativo [professores] - informação que será mais desenvolvida posteriormente, ainda

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

no âmbito deste artigo.

A argumentação global deste primeiro texto [e ênfase da trajetória da autora, como vimos], caminha no sentido de promover a valorização das aprendizagens realizadas em contextos de *Educação Não-Formal*, como associações, grupos comunitários, movimentos sociais, ONGs e instituições não estatais, em geral. Destaco que neste artigo a pesquisadora registra que esta proposição vai de encontro à interpretações dominantes no campo da Educação Brasileira que consideram a Educação como atividade restrita às atribuições das pessoas vinculadas à comunidade escolar. Chama-me atenção o fato de que em 2004 [2004!] ainda fosse preciso destacar isso no espaço acadêmico. Mas enfim, retomando o raciocínio: o eixo central da argumentação da autora visa valorizar o trabalho pedagógico realizado pelas diferentes associações movimentos sociais - campo de atuação da *Educação Não-Formal*, de maneira relacional à *Educação Formal*, entendida a interação entre ambas, no âmbito da *comunidade educativa*.

Me causa estranhamento ter sido deixada de fora a *Educação Informal* deste processo; sendo assim, um primeiro movimento que gostaria de propor na pesquisa em curso, é deslocar ainda mais a centralidade do processo formativo do espaço escolar, para a dinâmica da vida, a partir das relações de ensino aprendizagem realizadas por meio da *Educação Informal*, e mais especificamente das *festas populares* como elementos importantes e constitutivos da pessoa humana.

Entremos um pouco mais neste tema. A aproximação que busca-se operar aqui ao trazer o campo da Educação para dialogar com a Cultura é: se toda prática social é uma prática simbólica, na medida em que os signos não têm significados pré-existentes, e dependem do contexto vivido, isso significa dizer que ela é apreendida e que, portanto, é mediada por um processo de ensino-aprendizagem. Para citar um exemplo concreto, deixando o argumento mais evidente: a partir deste nosso encontro, o próprio idioma em que escrevo, e que você agora me lê, diz respeito ao processo de ensino-aprendizagem destes símbolos em que ambos fomos socializados. Ou seja: dependendo do local de origem da pessoa que acessa o texto, ou das experiências vividas em seu campo de possibilidades, esse emaranhado de códigos/sinais gráficos/convenções podem fazer sentido ou não. Reforço: os signos são vazios de significados que são preenchidos pela cultura, mediados por meio de um processo educativo. E da mesma forma, por extensão, pode-se dizer que participar de uma *feira popular* é também participar de uma experiência educativa na qual são mantidos, criados, recriados e transmitidos símbolos que contêm diferentes sentidos e significados daquela coletividade na qual a pessoa nasceu ou teve acesso/experiências. Em uma sentença: pode-se dizer que as festas são espaços pedagógico-educativos que constituem a formação humana.

Caminhando junto com Mauss, na elaboração desta proposição, parto do pressuposto de que as *festas populares*, são um *Fato Social Total*⁸, no sentido enunciado pelo autor, em 1924; e sendo assim, elas podem ser compreendidas como instituições⁹ onde tudo se mistura e ocorre de maneira simultânea. Assim, com este marco teórico, me proponho a pensar que, para além da educação realizada em espaços formais [escolas, universidades] e não-formais de educação [associações comunitárias, ONGs, entre outros] as *festas populares*, em seu local próprio de realização, são também espaços pedagógicos que produzem e fazem circular saberes que nos atravessam e constituem coletivamente. Elas nos educam de maneira permanente e recorrente acerca do convívio em sociedade - sobretudo aquelas celebrações vinculadas aos *ciclos comemorativos*¹⁰ como o Carnaval, a Páscoa, Pentecostes, as Festas Juninas, o Natal e Ano Novo. Vale destacar que as *festas populares* além de acionarem elementos comumente vinculados à tradição, permanecem em constante processo de criação/renovação e assim, atualizam-se constantemente. Quando participamos destas *práticas de sociabilidade*¹¹ - e tudo que elas colocam em movimento - estamos o tempo todo ensinando e aprendendo de maneira partilhada umas com as outras pessoas e fazendo circular diversos saberes, que ao fim e ao cabo, dizem sobre nossa forma de estar no mundo, e de construir nossa identidade e a nossa memória.

⁸ Mauss define o Fato Social Total como aqueles fenômenos sociais onde tudo se mistura. Ocasões onde são expressas, de uma só vez, as mais diversas *instituições* [crenças e comportamentos]: religiosas, jurídicas e morais - políticas e familiares ao mesmo tempo; econômicas - incluindo formas particulares do fornecimento e da distribuição; os fenômenos estéticos; e também os fenômenos morfológicos [configuração das partes] em que essas *instituições* [formas de ação] manifestam.

⁹ Aqui recomenda-se atenção: as *instituições*, de acordo com Durkheim, tio de Mauss, em *As regras do método sociológico* (1895), dizem respeito a todas as crenças e comportamentos - as formas de agir mantidas pela sociedade. Neste sentido, o conceito não deve ser entendido no sentido comum/cotidiano como um espaço físico, como uma escola; por exemplo.

¹⁰ De acordo com Barbero, "O tempo cíclico é um tempo cujo eixo está na festa. As festas com sua repetição, ou melhor, com seu retorno balizam a temporalidade social [...] Cada estação, cada ano possui a organização de um ciclo em torno do tempo denso das festas, denso enquanto carregado pelo máximo de participação, de vida coletiva. A festa não se constitui, contudo, por oposição à cotidianidade; é, antes, aquilo que renova seu sentido, como se a cotidianidade o desgastasse e periodicamente a festa viesse recarregá-lo novamente no sentido de pertencimento à comunidade". (MARTÍN-BARBERO, 2003, p. 136). Poderia citar também Gilmar Carvalho para quem a festa dá a "liga do sentimento de pertença à comunidade" (CARVALHO, G., 2013, p. 33). Ou ainda apresentar a leitura de Bakhtin (1987, p. 7-8), que afirma que: "as festividades (qualquer que seja o seu tipo) são uma forma primordial, marcante, da civilização humana [...] [que] exprimem sempre uma concepção de mundo [...] tem sempre uma relação marcada com o tempo" [inserção minha]. Vovelle (1987), parecendo concordar com Bakhtin, considera a festa um importante campo de observação, pois é o momento em que um grupo projeta simbolicamente sua representação do mundo. (VOVELLE, ibidem, apud FERRETI, 2012, p. 25). Ou, como bem disse Cavalcanti, ao parafrasear Lévi-Strauss, pode-se dizer que as festas, feitas para divertir, são também boas para pensar. (CAVALCANTI, B., 2013, p.11).

¹¹ Nesta pesquisa, festa e prática de sociabilidade serão utilizadas como sinônimos. Segundo RESENDE (2001, p. 1), na teoria social, a noção de sociabilidade refere-se geralmente a situações lúdicas em que há conagração e confraternização entre as pessoas. Ariès (1981), afirma que este conceito relaciona-se a visitas, encontros e festas que envolvem trocas afetivas e comunicações sociais em que música e dança são elementos comuns e a comensalidade aparece quase como uma obrigatoriedade.

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

Retomando o diálogo com Gohn, ainda no texto de 2014, ao analisar a participação da sociedade civil, a autora discorre sobre os conceitos de *sentido* e *significado*. Estas definições da pesquisadora vão ao encontro do meu argumento anterior das relações de ensino e aprendizagem realizadas por meio das *festas populares*; pois ela define *sentido* como tudo aquilo que oferece uma orientação, um rumo para as ações e seus desdobramentos. Já o *significado*, é definido como um processo subjetivo no qual os atores sociais acessam o conceito de algo em meio à coletividade. Nas palavras da autora:

Os significados são aprendidos e apreendidos, socializados, identificados, confirmados e testemunhados por aqueles que se defrontam com o outro. Para que um indivíduo ou um grupo possa dar sentido a uma ação social, precisam decodificar o significado do que está em tela em termos do conteúdo das mensagens implícitas, determinar quem é o emissor e o receptor, que universos simbólicos contêm e que valores defendem ou rejeitam. De posse desse acervo de informações, eles o confrontam com seu universo referencial. Essas operações mentais são instantâneas e se buscam na cultura política acumulada por esses personagens na sua trajetória de vida; resgatam-se no perfil de valores herdados, ou transmitidos, pelo meio ambiente em que viveram e vivem, nas instituições de que participaram ou nas quais se articulam. (*Idem, ibidem*, p.47).

A única perspectiva diferente aqui, entre o olhar da autora, e a proposta que estou desenvolvendo, é que ela, ao partir do debate sob o ponto de vista da *Educação Não-Formal*, utiliza a palavra instituição no sentido físico [lembramos: associações, grupos comunitários, movimentos sociais, ONGs e instituições não estatais]. Já para o debate do campo simbólico, Gohn utiliza o conceito de *cultura política*:

Cultura política diz respeito aos valores que os indivíduos e grupos desenvolvem em relação à pólis e à área pública de uma forma geral; está presente nas estruturas mentais e nos comportamentos dos indivíduos e grupos sociais a expressar as representações e o imaginário simbólico-cultural incorporado pelos indivíduos ao longo da trajetória de suas experiências individuais e coletivas (GOHN, 2001b *apud* GOHN, 2004).

Já no meu caso, como opero com a lente proposta por Durkheim-Mauss, aciono o conceito como tudo aquilo que ordena as crenças e comportamentos. Todas as formas de agir da sociedade, estando elas, institucionalizadas ou não - como as festas, por exemplo. Dentro desta perspectiva [neste sentido específico que estou desenvolvendo neste momento] não faz tanta diferença, se ao abordar o São João, estamos tratando “do maior São João do Mundo” patrocinado pela prefeitura, ou da pequena festa familiar que você realiza com sua família e amigos no seu quintal. Ambas comemorações dizem respeito às formas de pensar e agir brasileiras, fazendo circular códigos de valores que são ensinados-aprendidos na realização da celebração, criando e reforçando laços de pertencimento e identidade sociocultural e política. Desta maneira, seja operando como *estruturas mentais*, na concepção de Gohn, ou como *instituições*, no sentido atribuído por Durkheim, as

definições se coadunam como marcos conceituais que refletem sobre a forma de organização social, sendo apenas entradas de acesso diferentes ao objeto de investigação.

No artigo *A Educação Não-Formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas*, de 2006, a autora realiza um estudo sobre a *Educação Não-Formal* e reflete sobre seu papel no processo educativo, por meio da participação dos movimentos sociais atuantes na área da educação nos conselhos escolares; tratando também neste texto, do aprendizado resultante deste processo, entre os atores participantes.

A autora afirma neste artigo, que naquele período [2006], a área da *Educação Não-Formal* ainda encontrava-se em desenvolvimento. Seu argumento reforça a constatação do mapeamento realizado nesta pesquisa de que o termo *não-formal* é também utilizado em algumas investigações como sinônimo de *informal*; e, para auxiliar na construção/elucidação dos conceitos, realiza na primeira parte deste texto um estudo comparativo entre a *Educação Formal*, *Educação Não-Formal* e a *Educação Informal*, que será objeto da reflexão a partir daqui.

Como não poderia deixar de ser, Gohn, inicia sua argumentação a partir da *Educação Não-Formal*, e a apresenta como um processo formativo multidimensional que pode ser realizado por meio de aprendizagens relacionadas à temas referentes à cidadania; à capacitação para o trabalho; à mobilização comunitária em prol de resolução de problemas coletivos; à formação de leitura crítica do mundo, e à educação midiática.

Em seguida, a autora começa a operar o raciocínio, desenvolvendo contrastes entre as três modalidades educativas, que apresento, de maneira esquemática, a partir do quadro abaixo:

Pergunta	<i>Educação Formal</i>	<i>Educação Não-Formal</i>	<i>Educação Informal</i>
Qual o campo de desenvolvimento?	Escolas, com conteúdos previamente demarcados.	“Mundo da vida”, via compartilhamento de experiências, principalmente em espaços e ações coletivas cotidianas.	Processo de socialização - família, bairro, clube, amigos etc; carregada de valores e culturas próprias, de pertencimento e sentimentos herdados.
Quem é o educador?	Professor.	O “outro”, aquele com quem interagimos/nos integramos.	Pais, família em geral, amigos, vizinhos, colegas de escola, o templo religioso, meios de comunicação de

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

			massa etc.
Onde se educa?	No espaço das escolas, instituições regulamentadas por lei, certificadoras, e organizadas de acordo com diretrizes nacionais.	Territórios que acompanham as trajetórias de vida dos grupos e indivíduos, fora das escolas, em locais informais, locais onde há processos interativos intencionais	Espaços educativos demarcados por referências de nacionalidade, localidade, idade, sexo, religião, etnia etc.
Como se educa?	Com regras e padrões comportamentais definidos previamente, em ambientes normatizados.	Em ambientes e situações interativas de aprendizagem e de transmissão ou troca de saberes, construídos coletivamente, segundo as diretrizes dos grupos. Usualmente a participação dos indivíduos é optativa.	Em ambientes espontâneos, onde as relações sociais se desenvolvem segundo gostos, preferências, ou pertencimentos herdados.
Quais são os objetivos?	Ensino e aprendizagem de conteúdos historicamente sistematizados, normatizados por leis, dentre os quais destacam-se o de formar o indivíduo como um cidadão ativo; desenvolver habilidades e competências várias.	Seus objetivos se constroem no processo interativo, gerando um processo educativo. De uma maneira geral, visa capacitar os indivíduos a se tornarem cidadãos do mundo, no mundo, abrindo janelas de conhecimento sobre o mundo circundante.	Socializar os indivíduos, desenvolver hábitos, atitudes, comportamentos, modos de pensar e de se expressar no uso da linguagem, segundo valores e crenças dos grupos que se frequenta/que pertence por herança, desde o nascimento.
Quais são os principais atributos?	Requer tempo, local específico, pessoal especializado, organização de vários tipos (inclusive a curricular), sistematização sequencial das atividades, disciplinamento, regulamentos e leis, órgãos superiores etc. Ela tem caráter metódico e, usualmente, divide-se por idade/classe de conhecimento.	Não é organizada por série/idade/conteúdos. Atua sobre aspectos subjetivos do grupo, formando sua cultura política. Ajuda na construção da identidade coletiva do grupo, por meio do desenvolvimento de laços de pertencimento que proporcionam a cidadania coletiva e pública do grupo.	É um processo permanente e não organizado, os conhecimentos não são sistematizados e são repassados a partir das práticas e experiências anteriores. Usualmente é o passado orientando o presente. Atua no campo das emoções e sentimentos.

Quais são os resultados esperados?	Aprendizagem efetiva, com certificação e titulação autorizam os indivíduos a seguir para graus mais avançados.	Poderá desenvolver, o sentimento de valorização de si próprio; desenvolvimento de identidade comunitária; construção e reconstrução das concepções de leitura do mundo; forma o indivíduo para a vida e suas adversidades, para além da capacitação para o mercado de trabalho.	Os resultados não são esperados, eles simplesmente acontecem a partir do desenvolvimento do senso comum nos indivíduos, que orienta suas formas de pensar e agir espontaneamente.
Quais são as metodologias utilizadas?	Planificadas de maneira prévia, seguindo conteúdos prescritos por leis.	Problematização da vida cotidiana. Os conteúdos surgem das necessidades, carências, desafios, obstáculos ou ações empreendedoras a serem realizadas. É dinâmica e não se subordina às estruturas burocráticas. Há metodologias, ainda que com alto grau de provisoriedade.	A vivência e a reprodução do conhecido, da experiência segundo os modos e as formas como foram apreendidas e codificadas.

Fonte: Gohn (2006); Elaborado pelo autor.

Gostaria de tecer alguns comentários a respeito das tipologias apresentadas. Em que pese a argumentação da pesquisadora afirmando que a *Educação Não-Formal* é uma área de conhecimento ainda em construção, me parece que, de uma forma geral, esta tripla caracterização proposta, ocasiona um movimento que parte da ideia implícita de que a *Educação Formal* seria a correta, mais completa, mais elaborada e sofisticada. Em uma palavra, o referencial de educação. Isto faz com que tanto a *Educação Não-Formal*, quanto a *Educação Informal* sejam definidas por suas vias negativas em quase todos os itens de análise, ou seja: passam a ser compreendidas por tudo aquilo, que a partir deste enquadramento, diz-se que elas não têm. Penso que, caso a autora desejasse manter esta estrutura comparativa [até porque seu enfoque é o da *Educação Não-Formal*], me pareceria mais coerente se perguntar o que é que ela, a *Educação Não-Formal*, tem, que as outras duas não têm, e qual contribuição esta modalidade educativa pode ofertar/complementar às demais. A inversão da pergunta, poderia ocasionar, talvez, outras questões a serem desenvolvidas. Assim, ao invés delas

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

serem consideradas em suas ausências, ao perguntar: “o que é que elas têm?” poderiam ser localizadas as potencialidades das outras duas modalidades. Me parece que seria mais justo com as demais, que pertencem a campos de construção do conhecimento distintos, e operam sobre suas próprias programáticas. Neste sentido, mesmo que não tenha sido intencional, uma vez que ainda hoje somos [de]formados imersos neste paradigma, a construção do argumento da pesquisadora me pareceu um tanto quanto eurocentrada e muito semelhante à um debate ocorrido no campo da Cultura que categoriza as práticas entre *Cultura Erudita*, *Cultura de Massa* e *Cultura Popular*, que, seguindo o mesmo esquema de raciocínio hierarquizou, nesta ordem de distribuição, da mais elaborada à menos reflexiva, sendo a última, a popular/tradicional quase que desenvolvida de maneira “natural”, “orgânica” [Não por acaso, se denominam também as *culturas populares* como culturas de raiz]. Este é um longo debate e não terei espaço aqui para aprofundar este raciocínio; contudo, deixo aqui como “pistas” para futuras escritas como o processo colonial ainda em nossos tempos hierarquiza e subjuga os outros saberes que, ao fim e ao cabo, nada mais são formas diferenciadas de construir e partilhar o conhecimento.

Contudo, ainda que discorde da forma como o raciocínio foi elaborado, como se diz popularmente, “para não jogar a água fora com a criança dentro”, em todo caso, o acesso a este texto me proporcionou pensar em iniciar a minha reflexão partindo deste ponto: “o que é que a *Educação Informal* tem?”; e sendo assim, buscarei desenvolver a escrita da tese a partir deste marco afirmativo. Ainda que este fosse o único item a me instigar/provocar deslocamentos reflexivos, se fosse apenas por este ponto, já teria valido a pena o acesso a estas fontes, colaborando bastante.

Prosseguindo com as reflexões a partir da categorização proposta pela autora, parece-me que, no intuito de construir o seu arcabouço argumentativo, além da questão apontada anteriormente, da percepção, como pano de fundo da *Educação Formal* ser considerada a mais correta/completa, parece-me que ao elaborar seu esquema, a pesquisadora acaba por acentuar demais o contraste entre as três modalidades, “achatando” seus pontos de contato; elementos que passo a desenvolver a partir deste momento, com enfoque na valorização da *Educação Informal*.

Um primeiro ponto que me chama atenção ao responder à pergunta “Qual o campo de desenvolvimento?”, é a utilização da expressão “no mundo da vida”, situada no âmbito da *Educação Não-Formal*, sendo atribuído o compartilhamento de experiências em espaços de ações coletivos cotidianos como exclusividade desta modalidade educativa. Sobre esta questão, fiquei me perguntando se não seriam as *festas Populares* também o “mundo da vida”. Me parece que sim, pois, como dito anteriormente, são espaços onde se expressam/criam/recriam/ensinam/aprendem diferentes concepções de leitura do mundo. E reforço novamente que tal campo de

desenvolvimento, de compartilhamento de experiências e de ações coletivas, se expressa independente de serem *festas Populares* consideradas tradicionais ou mais recentes, com poucos anos de existência, ou ainda criadas por pessoas que não tinham vínculos familiares, de bairro etc com as tradições que foram elementos inspiradores para a festa em questão [elementos característicos da *Educação Informal*, atribuídos pela autora], como no caso do *Encontro de Bois de Olinda*, objeto desta pesquisa.

Na pergunta “Quem é o educador?”, destaca-se novamente a dimensão de enraizamento atribuída à *Educação Informal*, enquanto a pesquisadora atribui a interação/integração com o “outro” totalmente à *Educação Não-Formal*; destinando à ela, todo o aspecto de deslocamento da vida da pessoa. Contudo, conforme já percebemos até aqui, na maneira pela qual a autora trabalha, o processo de *Educação Não-Formal* basicamente passa pela institucionalidade e neste sentido, pode-se dizer que o percurso de vida das pessoas não necessariamente é destinado ao percurso organizacional e que, portanto, é também impactado por meio de seus deslocamentos por espaços de *Educação Informal*, como as *festas populares*, por exemplo. Outro ponto que destaca-se neste item - que será abordado mais à frente - é a atribuição de não intencionalidade à *Educação Informal*; contudo tanto nesta pergunta quanto em outra subsequente, a pesquisadora inclui no âmbito da *Educação Informal* tanto templos e igrejas quanto meios de comunicação de massa. Considero bem difícil sustentar a participação destes dois últimos na perspectiva de não terem intencionalidade; afinal se há um processo educativo formativo que pode-se dizer que tem um projeto/intencionalidade há séculos é o religioso, independente de sua matriz cultural. Da mesma forma, mais do que nunca, acredito, que atualmente não seja mais possível defender a posição de que não há intencionalidade em meios de comunicação de massa em tempos de *fake news*, para dizer o mínimo.

Na terceira questão, “Onde se educa?”, aparentemente as três modalidades se misturam, pois ao responder esta pergunta a autora elenca a normatização dos espaços educativos; contudo, mesmo os espaços de *Educação Não-Formal*, em geral, são regulamentados por Lei, como por exemplo ONGs, o Sistema “S” [SESC, SENAI, SENAC] etc. Neste item ainda, a autora utiliza a expressão informal para designar os locais onde é realizado o processo educativo da *Educação Não-Formal*, da mesma maneira que reforça a intencionalidade deste processo interativo a fim de operar um contraste com a *Educação Informal*, que será desenvolvido no próximo item.

Na pergunta 4 “Como se educa?”, fica à cargo da *Educação Formal* os aspectos de maior formação/rigidez ao passo que a maleabilidade, por meio da interação coletiva fica atribuída à *Educação Não-Formal* [que como dito, não compartilho da mesma perspectiva], e o processo

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

educativo não intencional/espontâneo/herdado dirigido à *Educação Informal*. Novamente, na *Educação Informal*, no que diz respeito às *festas populares*, parece-me que este enquadramento não se aplica à manifestações da cultura deste tipo, pois nem toda festa é herdada; de maneira alguma é completamente espontânea - no sentido de que, como se diz no popular, “fazer festa dá trabalho”; e como vimos, a partir da convergência entre as reflexões da autora e de Mauss, as práticas culturais têm também um sentido e um significado. Um ponto interessante para se pensar a partir daqui, no futuro, pode ser uma possível gradação entre a centralização do papel/função educativa, e de sua institucionalidade e intenção pedagógica para a aprendizagem realizada de maneira difusa, por meio de outros marcos civilizatórios.

Na quinta questão, “Qual a finalidade ou objetivos de cada um dos campos educativos assinalados?”, me parece incoerente a defesa da pesquisadora, depois de tantas regras e rigidez atribuídas à *Educação Formal* [que sabemos que realmente têm] ainda constar neste item “formar o indivíduo como um cidadão ativo”; ao passo de que na *Educação Não-Formal*, consta “capacitar os indivíduos para se tornarem cidadãos do mundo”; e na *Educação Informal*, não há previsão da formação cidadã em sua constituição. Acredito que nem preciso desenvolver a ideia da contradição entre a rigidez e diretividade da *Educação Formal* em oposição à formação crítico-cidadã, mas não posso me furtar aqui ao debate da cidadania na *Educação Informal*. Ora, a cidadania não deveria ser apreendida/vivenciada/exercitada em nossas ações mais cotidianas? Nem concordo com a vinculação da *Educação Informal* como vinculada exclusivamente ao “saber local”, mas para acessar mais rapidamente ao argumento, partindo da lógica da autora, não é em casa que se aprende a respeitar o diverso? A não mentir; a participar, e distribuir tarefas; sobre direitos e deveres; a respeitar as mulheres, por exemplo? Não seria isso também cidadania?

Sobre “os principais atributos de cada uma das modalidades educativas”, a pesquisadora atribui à *Educação Não-Formal* a responsabilidade por formar a cultura política de um grupo, desenvolvendo laços de pertencimento e identidade coletiva; já à *Educação Informal* é atribuída a falta de organização e sistematização. Apresenta ainda, esta última, como característica recorrente a dinâmica do passado orientando o presente, a partir de experiências anteriores e atuação no campo das emoções e sentimentos, como um processo permanente e não organizado. Em que pese essa leitura essencialista e do espaço da ausência por parte da elaboração do raciocínio, acerca da *Educação Informal*, da qual, como vimos, não concordo; não seria esta a descrição da própria vida cotidiana? E os sentimentos e vinculações de pertencimento e identidade não seriam desenvolvidos em nossa vida ordinária na circulação pelo mundo? Realmente não creio que haja necessidade de participação em vida institucional para desenvolver estes aspectos.

Acerca dos resultados esperados em cada campo assinalado na tabela, destacaria que a pesquisadora afirma que os processo de *Educação Não-Formal* podem desenvolver consciência sobre o agir coletivo e a identificação com comunidades; já no que diz respeito à *Educação Informal* a pesquisadora declara que não há expectativa de resultados, ocorrendo a partir do cotidiano dos indivíduos, por meio do seu senso comum, espontaneamente. Novamente aqui fiquei me perguntando se a própria *Educação Informal*, como elemento de aprendizagem cotidiana, a partir da própria descrição da pesquisadora, com suas funções adaptativas [e criativas sempre, lembremos] não seriam elementos de resultados esperados deste campo pedagógico.

Quanto aos métodos, a autora atribui à *Educação Informal* a vivência e a reprodução do conhecido, dos códigos apreendidos; já à *Educação Não-Formal*, afirma ser aquela que alcança o campo do simbólico, das representações, das orientações que conferem sentidos e significados às ações humanas. Neste item, acredito que a *Educação Informal* faz muito mais do que apenas reproduzir o vivido, incluindo também o chamado campo simbólico/representativo, conferindo sentido e significado ao vivido. Lembremos que a própria Cultura surge da problematização da vida cotidiana, do “salto” dado em relação à natureza. Neste sentido, a ferramenta mais rudimentar; uma pá, por exemplo, que surge como extensão das mãos e braços humanos, para auxiliá-lo a cavar, na lida com o trabalho, é um exemplo ilustrativo.

No texto “A *Educação Não-Formal* e o papel do Educador Social”, de 2007, a autora denomina esta modalidade de educação pela primeira vez como *corrente educativa*, atribuindo como principais espaços de realização ONGs e programas de inclusão, voltados sobretudo para as artes, educação e cultura, que valoriza elementos culturais locais, mediados pela intervenção de educadores, entendidos como tradutores/mediadores sociais e culturais. Questões étnico-raciais, de gênero e geracionais são os principais focos de trabalho destes grupos. Ou seja: neste texto a autora reafirma seu entendimento de que, basicamente, a *Educação Não-Formal* insere-se no âmbito de processos educativos realizados extra-muros da escola, realizadas em organizações sociais, mediados por educadores que pautam, sobretudo, temas como a desigualdade e a exclusão social.

No artigo, a autora parece iniciar o movimento de revisão/depuração de seus trabalhos anteriores ao afirmar que a *Educação Não-Formal* deve ser entendida não pela via do que ela não tem, mas por tudo aquilo que ela é, delimitando-a como “um espaço concreto de formação com a aprendizagem de saberes para a vida em coletivos” (p.32) e assim, inicia o tratamento, digamos, mais afirmativo da *Educação Não-Formal*.

A mesma leitura de mundo é desenvolvida no texto “*Educação Não-Formal*, educador(a) social e projetos sociais de inclusão social”, de 2009, de onde destaco um forte ponto de

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

convergência entre a produção intelectual da pesquisadora e a investigação em curso no momento. Neste artigo, a partir da “crise da modernidade”, a autora parte do questionamento da racionalidade científica como única fonte de produção de conhecimento - ideia que sustenta, por exemplo, o espaço da *Educação Formal* como única fonte legítima de aprendizagem, para anunciar a emergência de reconhecimento de outros campos de produção de conhecimento/áreas de saber que antes eram invisibilizados dentro do próprio campo da Educação. E afirma que, a partir desta perspectiva, outras práticas pedagógicas e processos educativos passam a vir à tona, também reconhecidos academicamente. Embora seu recorte seja no campo da institucionalidade do associativismo, este marco temporal também reverbera na pesquisa que está sendo desenvolvida ao considerar as *festas populares* como um campo de estudos da Educação.

Ainda no âmbito do presente texto, naquilo que interessa ao desenvolvimento deste artigo, percebe-se que a autora passa a incluir a comunicação midiática no campo da *Educação Não-Formal*, deslocando-a da *Educação Informal*, e reafirma novamente a carência de estudos no que diz respeito à *Educação Não-Formal*. Corroboro com a leitura da autora, e sigo daqui tentando expandir o debate acerca da *Educação Informal*.

No penúltimo texto desta nossa análise, percebe-se que em 2014, no artigo “*Educação Não-Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos*”, a autora reafirma seu compromisso com o estudo sobre a construção de saberes realizada por meio dos sujeitos coletivos organizados da sociedade civil, investindo na reflexão da construção do conhecimento fora dos contextos institucionais de educação - inserindo-se portanto mais ainda no debate epistemológico sobre a produção do conhecimento da contemporaneidade.

Neste texto, Gohn aciona a articulação entre os campos da Educação e da Cultura como processos formativos, de construção e partilha de conhecimento que vão para além das normas institucionais. Defende que a aprendizagem é resultado dos processos interacionistas/de partilha, entre os indivíduos; e que ao mesmo tempo esta resulta da articulação entre as estruturas mentais destes sujeitos que operam uma significação/ressignificação constante entre a cultura que eles já aprenderam, e aquelas que eles irão aprender. Esta reflexão apoia-se nas proposições de Thompson; e ao abordar seus conceitos, a pesquisadora aproxima-se mais do debate do campo da Cultura para reforçar que é no processo de interação, por meio das diferentes experiências, que são construídos valores, percepções de mundo e comportamentos. Em uma sentença: a construção/reconstrução contínua da cultura [e do ser humano] ocorre por meio de suas diferentes experiências significativas [conforme já havíamos destacado anteriormente].

Ainda neste texto, a autora flexibiliza a intencionalidade da *Educação Informal*, citando diretamente o caso da religião, comentada antes, como um exemplo de decisão orientada para a aprendizagem; contudo, diferentemente do que a pesquisadora fez em escrito anterior, ao deslocar a mídia da modalidade da *Educação Informal* para a *Educação Não-Formal*, ela opta neste texto em manter a religião no campo da *Educação Informal*, ainda que considere agora que esta tenha intencionalidade. Neste item, também como dito previamente, como minha perspectiva de análise inicia do campo da Cultura, sendo esta compreendida como um conjunto de símbolos e significados que são apreendidos e criados ao longo da vida - e que sim, nesta perspectiva têm uma intencionalidade, não concordo com este enquadramento.

No último texto desta nossa análise, “*Educação Não-Formal* nas instituições sociais”, de 2016, a autora repete a metodologia de categorização das modalidades educativas, a partir daquelas questões que já foram sistematizadas em tabela aqui no texto, avançando basicamente na conceituação da modalidade *Educação Não-Formal*; neste sentido o conteúdo apresentado não provoca aprofundamento para além dos debates já apresentados neste escrito.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este artigo teve como objetivo desenvolver uma reflexão, acerca das modalidades de educação, dialogando com a produção da principal estudiosa brasileira sobre o tema, Maria da Glória Gohn.

Buscou perceber tanto de maneira geral os deslocamentos operados pela autora na construção do conhecimento, acerca das modalidades de educação - esmiuçando seu processo de elaboração e aprofundamento ao longo do tempo; quanto colaborar, em específico, com o desenvolvimento do debate da *Educação Informal*, sobretudo por meio das *festas populares*, tema da pesquisa que desenvolvo no doutorado, ainda que em estágio inicial de reflexão.

Deste primeiro contato com a obra da pesquisadora, percebo que devo operar na construção da minha argumentação acerca da *Educação Informal* pela sua via positiva, refletindo sobre suas principais características, em busca de perceber como elas, as *festas populares* e mais especificamente o *Encontro de Bois de Olinda*, objeto dessa investigação, contribuem para os processos formativos das pessoas que desta celebração participam. Deste modo, acredito conseguir provocar a percepção de que também existem processos de ensino e aprendizagem para além dos espaços formais de educação, incluindo especialmente estas práticas de sociabilidade. Neste sentido, embora o acesso à este conteúdo tenha sido fundamental para que eu possa ter construído este entendimento, parece-

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

me que daqui pra frente nossas reflexões caminharão em paralelo, no sentido de não termos tantos pontos de contato em nossa produção, exceto no âmbito da “crise da modernidade”, ao questionarmos, ambos, a racionalidade científica como única fonte de produção de conhecimento e atuarmos em prol do reconhecimento, na esfera da Educação, de outros campos de produção de conhecimento, de visibilização de outros marcos civilizatórios; ela na *Educação Não-Formal*, eu, na *Educação Informal*.

Inclusive este nome, *Educação Informal*, me parece que talvez não seja o mais adequado - se deixamos de operar na lógica proposta pela autora em suas modalidades de educação, da formal à informal; pois a própria designação *Educação Informal*, já aciona uma representação de algo com conotação um tanto negativa, não oficial, clandestina, ilegal... Em síntese, me parece também que neste sentido, de maneira geral, o debate proposto pela autora, ao fim e ao cabo, trata de processos educativos realizados dentro e fora das escolas, e estas das mais institucionalizadas e menos institucionalizadas. Tendo ainda uma maior ou menor centralidade na autoridade responsável pelo processo educativo, da mais concentrada à mais difusa.

Assim, ainda operando com a categorização da pesquisadora, só que agora pensando especificamente nos processos educativos realizados por meio das *práticas de sociabilidade* que convencionamos chamar de *festas*, me parece que a grande diferença está na expansão da autoridade educativa; pois numa *festa*, mesmo que existam funções determinadas; especificadas em algumas pessoas, o que conta - ao fim e ao cabo, é aquilo que é realizado *entre* as pessoas, tudo aquilo que circula, ou seja: os elementos [concretos e simbólicos] acionados e partilhados coletivamente. Mesmo que de maneira difusa [gostando mais ou menos desta prática cultural], tem coisas que todo mundo sabe: quando tem festa; quando a festa é boa; e que nem todo mundo sabe fazer festa.

Sendo assim, ainda que a intencionalidade pedagógica - no sentido que usualmente o campo da Educação costuma atribuir sentido, não seja o foco principal destas práticas de sociabilidades; conforme argumentamos no texto, é por meio dos inúmeros processos pedagógicos que tais práticas são criadas, mantidas e recriadas. Só que neste caso, a pessoa educadora são os pares, as pessoas com as quais interagimos em uma celebração [e muitas vezes os artefatos utilizados, como no caso das brincadeiras de boi, por exemplo].

É por meio destes processos sócio-culturais, que são construídas as *instituições*, misturando a vida com a educação, com seus valores, visões de mundo e comportamentos. Assim, pode-se dizer que a *Educação Informal* é responsável por grande parte de tudo aqui que utilizamos, aprendemos e construímos em nossas vidas. Em uma sentença, não me parece ser exagerado dizer que: 1) é possível viver sem *Educação Formal*; 2) que é possível também passar toda uma vida sem participar

de um processo de *Educação Não-Formal*; e 3) mas que é impossível humanizar-se sem passar pelo processo formativo da *Educação Informal*. Desta forma, a pesquisa em desenvolvimento visa recolocar o debate, a partir de outra perspectiva, e sanar esta lacuna do conhecimento, aprofundando o debate sobre os processos educativos da *Educação Informal*, por meio das *festas populares*.

REFERÊNCIAS

ARIES, Philippe. **História social da criança e da família**. Tradução Dora Flaksman. 2ª edição. Rio de Janeiro, Zahar. 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/5525040/mod_resource/content/2/ARI%C3%88S.%20Hist%C3%B3ria%20social%20da%20crian%C3%A7a%20e%20da%20fam%C3%ADlia_text.pdf Acesso em 10 de junho de 2013.

ATTIA, Lúcio Enrico Vieira. **Encontro de Bois de Olinda “a festa na Quarta de Cinzas é na casa de Dona Dá!” Ponto de convergência para múltiplas “culturas viajantes”**. Dissertação de Mestrado em Cultura e Territorialidades, UFF. Niterói, 2015. 218 p. Disponível em: https://www.academia.edu/42913913/ENCONTRO_DE_BOIS_DE_OLINDA_A_FESTA_DA_QUARTA_DE_CINZAS_%C3%89_NA_CASA_DA_DONA_D%C3%81_Ponto_de_converg%C3%Aancia_para_m%C3%BAltiplas_culturas_viajantes Acesso em 17 mar 2022.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação?** São Paulo. Brasiliense, 1981. Disponível em: https://edisciplinas.usp.br/pluginfile.php/1992579/mod_resource/content/1/O%20que%20e%20educa%C3%A7%C3%A3o.pdf Acesso em 17 mar 2022.

CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e. Tempo e narrativa nos folgedos de boi. In: CAVALCANTI, Maria Laura Viveiros de Castro e (org): **As festas e os dias: ritos e sociabilidades festivas**. Rio de Janeiro: Contracapa. 2009, 28p. Disponível em: <http://www.periodicoseletronicos.ufma.br/index.php/rpcsoc/article/view/810>. Acesso em 28 ago 2013.

DURKHEIM, Émile. **As regras do método sociológico**. Tradução de Paulo Neves. São Paulo. Martins Fontes, 2007 (Coleção Tópicos). Disponível em: <https://ayanrafael.files.wordpress.com/2011/08/durkheim-c3a9-as-regras-do-mc3a9todo-sociolc3b3gico.pdf> . Acesso em: 07 jul. 2021

GOHN, Maria da Glória. A Educação Não-formal e a relação escola-comunidade. **EccoS – Revista Científica**, 6 (2). 2004. 39-66. Disponível em: <https://periodicos.uninove.br/eccos/article/view/380> Acesso em 22 março 2022.

_____. Educação não-formal, participação da sociedade civil e estruturas colegiadas nas escolas. **Revista Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**. V.14 N° 50 p. 27-38 jan-mar 2006. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/s5xg9Zy7sWHxV5H54GYydfQ/?lang=pt> Acesso em 22 março 2022.

MODALIDADES DE EDUCAÇÃO: UM DIÁLOGO COM MARIA DA GLÓRIA GOHN, A PARTIR DA PERSPECTIVA DA EDUCAÇÃO INFORMAL

_____. Não-fronteiras: universos da educação não-formal. **Coleção Rumos Educação Cultura e Arte**, 2. São Paulo: Itaú Cultural, 2007. 96 p. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000221139>. Acesso em 22 março 2022.

_____. Educação Não-Formal e o Papel do Educador (a) Social. **Revista Meta: Avaliação**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 28-43, junho 2009. ISSN 2175-2753. Disponível em: <https://revistas.cesgranrio.org.br/index.php/metaavaliacao/article/view/1>. Acesso em: 09 sep. 2022.

_____. Educação Não Formal, Aprendizagens e Saberes em Processos Participativos. **Investigar em Educação** - II^a Série, Número 1, 2014. 35-51. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/url/view.php?id=2346870>. Acesso em 22 março 2022.

_____. Educação Não-formal nas instituições sociais. **Revista Pedagógica, Chapecó**, v. 18, n. 39, p. 59-75, set./dez. 2016. Disponível em: <https://edisciplinas.usp.br/mod/url/view.php?id=2346870>. Acesso em 22 março 2022.

MARTÍN-BARBERO, Jesús. **Dos meios às mediações - Comunicação, cultura e hegemonia**. Rio de Janeiro: Editora UFRJ, 2003. Disponível em: <https://notamanuscrita.files.wordpress.com/2014/08/jesus-martin-barbero-dos-meios-as-mediacao3a7c3b5es.pdf>. Acesso em 14 fev 2014.

MAUSS, Marcel. **Ensaio sobre a dádiva. Forma e razão da troca nas sociedades arcaicas**. Disponível em: <https://repositorio.ufsc.br/handle/123456789/1888?show=full>. Acesso em 30 set 2015.

RESENDE, Cláudia Barcellos. **Os limites da sociabilidade: “cariocas” e “nordestinos” na feira de São Cristóvão**. Disponível em: <http://bibliotecadigital.fgv.br/ojs/index.php/reh/article/viewFile/2145/1284>. Acesso em 25 set 2013.

Submetido em: 17 de set de 2022.

Aprovado em: 13 de nov de 2022.

Publicado em: 28 de dez de 2022.